



ID: 73861630

03-03-2018 | Revista E

E

Entrevista  
José Manuel Galvão Teles







# “Nunca tive medo do risco e sempre tive medo do medo”

Num testemunho inédito, José Manuel Galvão Teles, fundador de uma das maiores sociedades de advogados nacionais, revê uma longa vida, marcada pela história política do país



POR ANA SOROMENHO E NICOLAU SANTOS (TEXTO)  
E JOSÉ CARLOS CARVALHO (FOTOGRAFIAS)





# A

mizade, luta, firmeza, alcance, liberdade. São, porventura, palavras que traçam o perfil deste homem, fundador de uma das maiores sociedades de advogados portuguesas, a Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados (MLGTS). Numa longa conversa — iniciada em dezembro passado e terminada já depois da saída de Nicolau Santos do Expresso — percorremos sem guião prévio os anos de juventude, das lutas estudantis e dos movimentos católicos, o tempo do PREC e do núcleo fundador do Movimento de Esquerda Socialista (MES), a passagem da advocacia dos tribunais para as grandes sociedades de advogados, numa deambulação franca e generosa revisitada

pelas suas memórias. Que têm como bússola a direção da amizade e como matriz a família e a luta pela democracia e pela liberdade no seu sentido mais amplo. “Agora, luto ferozmente contra a doença e agarro-me à minha liberdade com todas as forças. Por vezes, corro riscos evitáveis só para me sentir livre”, dir-nos-á no final da entrevista. Perguntamos por onde lhe apetece começar a conversa. José Manuel Galvão Teles, que, como todos os grandes contadores de histórias sabe que uma narrativa tem de ter uma ordem, escolhe o início. Em abril fará 80 anos.

**O seu avô paterno, Adriano Telles, foi o homem que no início do século XX**

**fundou os cafés A Brasileira. Chegou a conhecê-lo?**

Não. Morreu em 1932, eu nasci em 1938. Por acaso, comecei agora a mexer nos papéis e fiquei com vontade de escrever sobre ele, tenho grande admiração pela figura. Era de uma aldeia de Alvarenga, no concelho de Arouca, e com 12 anos partiu para o Brasil, instalou-se em Rio Branco, em Minas Gerais, fez fortuna com o café e casou-se com uma mulher da terra. Quando ela morreu, regressou a Portugal e montou o negócio, mas teve muito dificuldade para o impor, porque o café do Brasil não era apreciado por cá. Chegou a andar pelo Chiado a distribuí-lo de borla.



**GEOGRAFIA** Galvão Teles movimentou-se em torno do Chiado, onde vive, e da sede da MLGTS, a sociedade de advogados que fundou em 1994 com João Morais Leitão

**catedrático e jurista de peso que chegou a ser diretor da Faculdade de Lisboa. Foi nesse ambiente que se moldou enquanto homem de Direito?**

O tio Inocêncio era um homem muito reservado. Nesse sentido era mais parecido com o meu pai. Mas foi menos influenciado por ele do que pelo meu tio José Maria, com quem tive mais contacto jurídico. Era meu padrinho, e naquela altura ser padrinho tinha valor. Os dois tios tinham escritório na Baixa, como era costume nos advogados desse tempo, e quando me formei, no início da década de 60, o Zé Maria disse: “Já sei que queres ser advogado, mas queres mesmo ser advogado a vida toda?” Eu já andava metido na política e pensei que era por isso: “Ó tio, que pergunta!” Respondeu: “Pergunto-te porque só tenho um gabinete livre e o Miguel forma-se para o ano...” Como quem diz: “E tu tiras-lhe o lugar.”

**O seu primo Miguel, também jurista, com quem virá a trabalhar, era filho de qual dos tios?**

Do Inocêncio. Também foi um grande jurista e um grande criativo da disciplina. E não era por saber mais do

que os outros. Era por descobrir mais e conseguir ir mais longe. Quando havia uma reunião importante aqui no escritório, levantava-se, ia para o corredor — estava sempre a andar pelos corredores —, entrava, dizia qualquer coisa, voltava a sair, ficava a pensar, e depois era ele quem escrevia o papel final. Era um génio muito talentoso e, como todos os génios talentosos, um pouco tonto.

**Era tido como um prodígio?**

E era tratado como tal. Quando chegávamos lá a casa, a minha tia Isabel, a mãe dele, que mandava na família inteira, dizia logo: “Tudo calado, que o Miguel está a estudar!” No primeiro ano da faculdade deixou a Introdução ao Direito, que era a principal cadeira, para setembro, para poder passar o verão a estudar, porque queria ter melhor nota do que o pai, que tinha tido média de 17, o que era um feito raríssimo. O Miguel era um tipo muito especial.

**Como era a sua casa?**

O meu pai tinha mais amigos do que os irmãos, mas não fazia vida social. Não se formou e, talvez por isso, tinha um certo complexo em relação

aos meus tios, que eram considerados profissionais brilhantes. Começou cedo a trabalhar nos cafés do meu avô, andou por Coimbra, mas em vez de andar na faculdade andava com os estudantes a fazer corridas de automóveis. Também escrevia versos. Versos sofridos, não sei se bons ou maus... O meu pai teve uma grande depressão.

**Como pensa hoje nos seus pais? Como é que revê a influência que tiveram em si?**

O meu pai influenciou-me intelectualmente. Gostava muito de poesia, e eu herdei esse gosto. A minha mãe era uma senhora, nunca trabalhou. Era muito carinhosa e foi uma grande influência do ponto de vista afetivo. Quando me meti nas lutas académicas, foi considerada pelas tias uma comunista, porque defendia os filhos... Hoje, penso na minha mãe com uma grande tristeza [comove-se].

**Então?**

Suponho que não terá sido uma mulher feliz. Sofreu por causa das doenças do meu pai, que teve vários problemas de saúde e estava constantemente internado. Provavelmente, isso também terá tido a ver com a depressão. Morreu no Hospital de Santa Maria, por causa de um enfisema pulmonar. Nesse dia, a minha mãe tinha ido visitá-lo. Quando voltava para casa, ao fim da tarde, foi atropelada por um táxi, mesmo em frente à minha casa. Na altura, vivia connosco... Morreram ambos no mesmo dia. Enquanto nele seria natural, porque era um homem doente, ela era uma mulher sã...

**O seu tio Inocêncio era um homem do Estado Novo. Quando começou a sua atividade política contra o regime, foi posto na ordem por ele?**

A única vez em que fui chamado à atenção foi quando participei no “Manifesto dos 101 Católicos”, em 1965, denunciando a cumplicidade entre a hierarquia da Igreja Católica e o regime em relação à Guerra Colonial. Nesse documento também se criticava o Ministério da Educação, do qual ele era ministro. Na manhã em que saíu, telefonei-lhe a pedir para ser recebido. Ainda tentou dar-me uma descompostura. Eu disse-lhe: “Já tenho idade para fazer o que entendo. O meu pai também não é de



**Em questões de fé, estou como o Mário Soares: não maderam, e teria muito gosto em tê-la, porque agora estou assim... Não sei bem o que é a fé”**

**A Brasileira do Chiado foi um dos primeiros lugares públicos onde se apresentou arte vanguardista portuguesa dos anos 20. A encomenda de obras a artistas como Eduardo Viana ou Almada Negreiros foi ideia dele?**

E foi bastante gozado por isso... Mais tarde, quando se perdeu o negócio dos cafés e se venderam as ‘brasileiras’, os meus tios, que não percebiam nada de arte, deixaram ir os quadros. Tempos depois, ocasionalmente, encontrei num leilão um desses quadros, do António Soares, e comprei-o. Ainda hoje o tenho.

**A sua família destacou-se na advocacia, sobretudo com o seu tio Inocêncio Galvão Teles, professor**





ID: 73861630

03-03-2018 | Revista E



## Quando me meti nas lutas académicas, a minha mãe foi considerada pelas tias uma comunista, porque defendia os filhos”

esquerda e não se mete nestes assuntos.” Foi a única vez que discutimos.

### Como se distancia da linha mais conservadora da família?

Houve dois fatores. Um deles, talvez o mais importante, foi o da amizade.

### Quem eram esses amigos?

O Nuno Teotónio Pereira, mais velho, o Jorge Sampaio, o Vítor Wengorovius... Quando o Vítor apareceu na Faculdade de Direito de Lisboa, julgámos que era da PIDE. Andava sempre a meter conversa, a perguntar como éramos, o que fazíamos, e a malta começou a ter um certo cuidado. Depois, percebeu-se que era mesmo do feitio dele. Mas ainda antes da universidade houve um outro fator, o catolicismo, que levei muito a sério durante a adolescência. Foi isso que me levou ao encontro da Juventude Universitária Católica [JUC] e de todo esse grupo.

### Chegou a ser dirigente da JUC. O seu catolicismo tinha a ver com um sentimento religioso ou era por uma questão mais formal de educação? Pergunto isto para perceber a sua relação com a fé.

Terá sido, fundamentalmente, por via da educação. Ainda li umas coisas para aprofundar o conhecimento e resolver algumas dúvidas. Em questões de fé, estou como o Mário Soares: não ma deram, e teria muito gosto em tê-la, porque agora estou assim... Não sei bem o que é a fé. Estou convencido de que Deus existe, ou pelo menos de que existe qualquer coisa, mas não tive coragem para ser um bom cristão. Tive coragem para ser um bom socialista, vá lá, baixei um grau. O cristianismo é um programa muito mais exigente e é uma coisa mais profunda individualmente. Naquela altura, tudo isto se entrelaçou, e assim começa a política.

### Que já decorre em simultâneo com a advocacia...

Trabalhava no escritório do meu tio Zé Maria, mas tinha os meus clientes. Em 1967, por exemplo, já era advogado do António Champalimaud, que esteve alguns anos fora de Portugal por causa do célebre caso da herança Sommer.

### Esteve envolvido?

Não. Em 73, quando ele regressa do México, depois de ter sido ilibado,

a Luísa, que era a filha querida dele e de quem eu era amigo, quis fazer uma grande festa ao pai. Mas o Nuno Teotónio estava preso em Caxias, e, na véspera, fomos lá a casa entregar o presentinho e avisar que não estávamos com espírito para festas. Nessa altura, eu era vogal do Conselho Fiscal da holding do “Champas”, a Companhia Geral de Construções, onde o António Morais Leitão era o presidente. Em março desse ano ia haver eleições, e eu avisei o Morais Leitão de que a situação política se estava a agravar e que iria sair do Conselho, sabendo que corria o risco de perdê-lo como cliente. Quando fomos lá a casa, disse-lhe da minha intenção. Ele, que sempre me tratou bem, nem quis conversa: “Se não quer ficar, não fique.” Depois deve ter pensado que eu já sabia do 25 de Abril.

### E sabia?

Não. Mas sempre tive um forte sentimento de liberdade, e o amor à liberdade exige um certo risco. Nunca tive medo do risco e sempre tive medo do medo.

### De ficar paralisado pelo medo e não avançar?

Sempre tive medo da tortura, por exemplo. Fui advogado no tribunal plenário, onde eram julgados os presos políticos, e um dia apareceu lá no escritório uma mulher de um operário. Estava muito aflita: “O meu marido está tramado, fulano falou.” Eu,

com o meu lado cristão, tentei acalmá-la: “É natural, a tortura é uma coisa horrorosa.” E ela, uma mulher simples, quase analfabeta, deu uma palmada de tal maneira forte na mesa que primeiro apanhei um susto e depois tive um deslombamento: “Nunca se pode falar!” Percebi ali que era mesmo uma coisa tremenda. Ainda hoje tenho respeito pelos comunistas mais velhos que passaram pela prisão.

### Nunca chegou a ser preso...

Agora até pareciam o Francisco Sousa Tavares!

### Porquê?

Às vezes, eu tinha umas guerras com o “Tareco”, como era conhecido o Sousa Tavares. Uma das guerras que tivemos, já depois do 25 de Abril, foi porque ele se lembrou de fazer um artigo, nas páginas centrais de “A Capital”, onde escreveu que um fotógrafo, de que agora não me lembro do nome, tinha ido à Polícia Judiciária e lhe tinham batido, já não sei se por falar de mais ou de menos, e no final aproveitava para dizer: “E não me metam medo com o José Manuel Galvão Teles e com o Vítor Wengorovius...”, e ia por ali fora, dizendo que éramos uns diletantes, que nunca tínhamos sido presos pela PIDE... Parece que lhe tinham dito que éramos os advogados do fotógrafo, e ele aproveitou para nos dar uma forte pancada.

### Ofendeu-se?

O Vítor, que era advogado do Sindicato dos Jornalistas, nunca tinha ouvido falar do caso, e eu nunca ouvira falar no fotógrafo. Aproveitei e escrevi uma carta: “Meu caro Francisco, poucas vezes estou de acordo contigo, mas hoje finalmente estou. Eu nunca fiz nada, mas o Vítor?... O Vítor não fala nos cafés, por isso é que não é preso; quando vai a reuniões, não fala, e por isso é que não é preso...” À custa do Vítor, dei-lhe uma porrada das grandes, porque me lembrei de que, no final dos anos 60, alguns membros do nosso grupo tinham sido sensibilizados para aderir a uma luta um pouco mais agressiva. Houve uma reunião em casa do Nuno Bragança para se decidir, e o Sousa Tavares tinha falado cá fora sobre a reunião. Iam-no matando, claro. Logo de manhã fui lá meter a carta debaixo da porta, e pelas 11 ele telefona-me: “Ó Zé, não posso publicar aquela carta.” E eu: “Então porquê? Está estragada a máquina?” Ele insistia: “Mas eu dou-te uma porrada de 8 e tu dás de 18!” “Precisamente, tu és o especialista de polémicas e eu não. Ganha a vida como advogado e portanto põe-te a um nível tal para ver quem perde e quem ganha em duas semanas.” Ele tanto chorou que eu lá desisti.

### Ser preso era um carimbo importante?

Parece que sim. Mas o mérito de nunca ter sido preso não foi meu. As pessoas gostam de se organizar, de ter presidente, secretário e essas coisas todas, mas nós não queríamos nada disso. O grande segredo era não ter partido nem estrutura. Era ser uma coisa inorgânica. Assim não nos apanhavam facilmente.

### Como é que agiam?

Por exemplo, eu trabalhava numa coisa que era o direito à informação sobre a Guerra Colonial e tinha dois encargos. Um era roubar envelopes e carimbos, que tirávamos das instituições do Estado, e depois lá dentro metíamos um texto com informações sobre a guerra em Angola e sobre a PIDE. Como os envelopes vinham do Ministério, não abriam as cartas, que seguiam para tudo o que era gente importante. Até o Salazar recebeu. A PIDE andava doída! A minha função era descer do Campo Grande aos Restauradores e pô-las em todos os



marcos dos Correios. Havia outras equipas a fazer o mesmo, mas eu não sabia quem eram. Cada um tratava das suas coisas.

**Esse grupo, que é a génese do MES, em termos ideológicos era mais à esquerda do que os socialistas. Chegaram a estar próximos dos comunistas?**

Não. E o PCP lixou-nos em muitas coisas. O Vítor fazia a ligação com os sindicalistas e o movimento estudantil e tinha uma visão global que eles não tinham. Acho que, do ponto de vista ideológico, naquela altura tivemos uma posição mais marcante do que a do PC.

**Mas a ação política era outro território...**

Também fazíamos. Pusemos gente fora de Portugal. O Nuno Teotónio comprou uma casa em Marvão, andou a estudar o terreno e descobriu uma quinta ao pé de um rio onde se conseguia atravessar para Espanha. No lado de lá havia uma tasca, e percebemos que era ali que paravam os guardas da Guardia Civil espanhola. Aos fins de semana, eu ia com a minha mulher e o frei Bento Domingues levar alguém que ia dar o salto. E como fazíamos? Às 11 lá estávamos na tasca, metíamos conversa com os guardas e, quando eles se começavam a levantar, pedíamos mais “uma cana”, para os entreter enquanto o Nuno atravessava a fronteira com um tipo que ia para a vida.

**Nunca levantaram suspeitas?**

Não. Mas houve um episódio que me marcou muito. Uma vez fui a Odivelas buscar uma mulher grávida que ia ter com o marido e que estava em pânico. O Nuno e a Natália, a mulher dele, meteram-se no carro e só apareceram daí a três horas: “O que se passou com a rapariga?” Contaram-me que estava tão nervosa que pensaram desistir. Então, a Natália, que sofria de problemas cardíacos graves e nem podia subir um lance de escadas, sabendo o risco que corria, escondeu-se na mala do carro, e a rapariga passou ao lado do Nuno com o passaporte dela. Podia ter morrido e correu um risco para salvar uma estranha [come-se]. É preciso ser valente. Eu não teria essa coragem... É provável que um socialista não a tivesse. Mas os católicos, os verdadeiros, tinham.

**Em 1975 foi embaixador de Portugal nas Nações Unidas, o que foi o seu grande momento político num palco internacional. Como aconteceu?**

Pela ligação ao Ernesto Melo Antunes. O meu grupo é o que vem da Comissão Democrática Eleitoral [CDE] e depois dá origem ao MES. Durante o PREC éramos muito próximos... Mas resisti bastante a ir para Nova Iorque. Sou lisboeta, gosto de estar na minha casa e perto dos meus amigos. Digo sempre que gostaria de viver em Paris dois meses, em Roma três, mas mais do que isto não. Além disso, tenho um certo respeito pelas instituições internacionais, era muito novo e achava que não tinha experiência suficiente. Mas o Jorge Sampaio, o Cravinho, enfim, todos os amigos próximos diziam-me que devia ir. A minha mulher também fazia força. Lá está, como gosto do risco, pensei: “Que se lixe.”

**O que lhe trouxe essa experiência?**

Na verdade, acabei por gostar bastante. No dia 7 de dezembro de 1975 dá-se a invasão de Timor, e às 10 da noite entreguei ao Kurt Waldheim a carta que declarava o corte de relações diplomáticas entre Portugal e a Indonésia. Bati-me fortemente por

Timor, mas saí em guerra das Nações Unidas. Deve ser feito...

**Porquê?**

Pela questão de Angola. Ainda a propósito do assunto Indonésia, convidei para jantar lá em casa o embaixador de França. Nessa altura eram os franceses que estavam a coordenar as missões da União Europeia. Ele avisou-me que ia comunicar oficialmente que a UE iria reconhecer Luanda. Por cá, também havia guerra quanto a esse assunto. O PC queria reconhecer, o PS e o PPD não. Eu também defendia essa posição e telefonei ao Melo Antunes, que ainda era o ministro dos Negócios Estrangeiros em funções, a avisar que ia pôr por escrito o que pensava. Recomendou-me que não o fizesse, porque iria haver eleições, era quase certo que o Medeiros Ferreira seria o próximo ministro, e ele não era a favor do Governo formado pelo MPLA, e que iria tramar-me. Escrevi na mesma, começando por explicar que não competia aos embaixadores determinar qual é a bondade ou maldade, entre aspas, da política dos governos, mas sim alertar para as consequências que têm as medidas dos governos. Parece que o Costa Gomes, que



**O fenómeno José Sócrates é uma coisa que não compreendo. E uma das coisas que não compreendo é como ele teve tempo para aquilo”**

era o Presidente da República, ficou muito chateado com a minha carta e convocou um Conselho de Ministros para avaliar a situação. Mais tarde, o Medeiros Ferreira mandou um recado através do seu cunhado e meu amigo Nuno Brederode dos Santos a dizer que precisava de que eu sáísse de Nova Iorque, para mostrar que a política dele era diferente da política do Melo Antunes. Disse-lhe que não me importava de me vir embora mas que não iria pedir a demissão, se quisesse que me exonerasse. Ele não queria fazê-lo, achava que era mau para mim, e ainda me perguntou se eu queria ser embaixador em Paris. A certa altura, até o Mário Soares se meteu: “Parece que está com uns problemas com o Medeiros Ferreira. Quer apoio?”

**Acabou por se filiar no Partido Socialista. Ainda é militante?**

Há muito tempo que deixei de pagar as cotas, mas sou.

**Continua a ser um homem de esquerda?**

Hoje sou um cidadão normal da burguesia lisboeta, como tantos outros. Combato os homens de direita que são burros e não gramam, e aí corro o risco de não me gramarem também. Procuro ser honesto intelectualmente. Refletindo sobre a minha vida, penso que houve várias coisas que levaram a que o sentimento da justiça fosse forte em mim. Naquela altura dizíamos: “Estamos dispostos a perder o que temos por uma sociedade mais justa.” Talvez também seja isto que ponho como limite para me considerar de esquerda ou não.

**E estaria disposto?**

Essa é a grande dúvida.

**E o que é ser hoje um homem de esquerda?**

Se eu soubesse a resposta, ganhava a minha vida entre França, Inglaterra e Espanha a explicar o que é ser hoje um homem de esquerda.

**Sempre quis ser advogado?**

Cada um tem as suas manias. Aquela história que contei de quando o meu padrinho me chamou para ir para o escritório marcou um certo compromisso. Nunca tive isso totalmente resolvido.

**O nome teve influência?**



Em parte, sim. Competia-me a mim não tanto fazer o nome mas defendê-lo. Pelo menos, a minha missão era não o estragar. Quando comecei a exercer, tive a sorte de ter tido três ou quatro casos que não só foram bons como tiveram alguma graça. Portanto, fui sendo apanhado. Mas consegui ter uma vida para lá do escritório. Como durmo muito pouco, aproveito bastante o tempo. Não consigo estar sem fazer nada, nunca estou parado.

#### Nessa altura, a advocacia era muito diferente da que hoje se pratica?

E foi essa que aprendi. O meu tio Zé Maria era um advogado clássico. Era muito escrupuloso e tinha a particularidade de, quando tinha em mão uma ação importante, não aceitar outras. Dedicava-se tremendamente. Ainda assisti ao jogo da retórica e dos advogados que o faziam brilhantemente em tribunal, onde o teatro era uma peça fundamental. A retórica ainda conta muito em tribunal, mas infelizmente essa escola acabou.

#### Gostava muito da barra do tribunal, não era?

Muito.

#### Porquê?

Ser advogado é ser um sedutor. E seduzir é convencer o outro, que é o juiz, a testemunha e até o próprio cliente. Mas para convencer é preciso estar convencido, porque a parte contrária também está a seduzir. Esse é o jogo. Para mim, tudo isto sempre foi muito claro e sempre me encantou pensar em todo este xadrez e na maneira melhor de o fazer antes de entrar em julgamento. Depois, além da sedução, existe um jogo de lógica que também me seduz. Empurrar o adversário para uma posição insustentável e derrotá-lo pela lógica.

#### No final dos anos 70 constituiu a sociedade de advogados J. Galvão Teles, Bleck e Pinto de Leite Associados, dizendo que queria dar o salto e praticar uma advocacia “mais moderna”. Uma advocacia mais moderna, o que era?

Nessa altura já se faziam certas coisas comerciais com algum material substantivo. O meu tio Zé Maria era advogado da Marconi e da TAP, e eu, ainda durante a década de 60, tive a felicidade de encontrar alguns assuntos que já não eram só pura advocacia. O

primeiro concurso internacional que houve em Portugal foi o da construção da autoestrada Lisboa-Porto. O grupo do Champalimaud concorreu, e o João Morais Leitão e eu, que éramos os advogados, acompanhávamos a parte jurídica. Então já fazíamos coisas comerciais, mas para avançar para a complexa vida financeira das empresas precisava, por exemplo, de ter fiscalistas, senão estava morto. Quando quis dar o salto, foi precisamente para passar a integrar no meu escritório esse lado *corporate* da advocacia.

#### É com os nomes fortes da sua geração que se inicia a constituição das grandes sociedades de advogados. Na fusão do seu escritório com o de João Morais Leitão, onde mais tarde entrou o seu primo Miguel e o João Soares da Silva, ficou como *senior partner*. Como é que estas coisas se decidem?

Nunca quis ser o presidente. A coisa que mais detesto é trabalhar com funcionários, ter de os pôr na rua ou

decidir quanto têm de ganhar. Conheci o Morais Leitão no sexto ano do liceu, fizemos o curso juntos e sempre fomos muito amigos. Apesar das nossas enormes diferenças — começando pelo Benfica e o Sporting, passando pelo CDS e o PS e acabando na maneira de ser —, talvez até pelas nossas enormes diferenças, sempre nos demos muito bem. Ele adorava gerir, e eu deixava-o administrar e gerir. Tínhamos muito respeito um pelo outro. E fiz essa transição, mas nunca quis ser o dono da sabedoria do *corporate*, já nem tinha bagagem para isso. Fui fazendo, fui evoluindo, o mundo do escritório foi-se tornando cada vez mais complexo, e continuei a dedicar-me e a aprofundar a parte de tribunal.

#### Em negócios como os das privatizações das empresas do Estado — EDP, Galp, PT, etc., etc. —, as grandes sociedades de advogados são acusadas de alguma promiscuidade com o poder político. Qual é a sua opinião?



**Ainda assisti ao jogo da retórica e dos advogados que o faziam brilhantemente em tribunal. A retórica ainda conta muito em tribunal, mas infelizmente essa escola acabou”**

São negócios que envolvem milhões e pode de facto haver alguma promiscuidade. Admito que alguns escritórios de advogados possam cometer exageros, utilizando os seus conhecimentos pessoais e políticos para favorecer os seus clientes. Nessa matéria sinto-me defendido. O meu escritório tem como princípio bem estabelecido não fazer qualquer espécie de lóbi. Logo de início, o João Morais Leitão e eu combinámos renunciar a uma política ativa, embora mantendo cada um as suas convicções.

#### Para si, o que é que mudou na profissão? O que é que se perdeu nesta transição de uma advocacia centrada no nome, mais humanista e personalizada, para as grandes sociedades de modelo mais empresarial?

Tornou-se muito mais burocrática, perdeu a paixão. Mas a ideia de defender não só os interesses das empresas mas sobretudo defender o outro continua a ser, para mim, a génese do que é ser advogado.

#### Disse numa entrevista: “Só defendo quem considero ter razão.”

O que queria dizer é que só defendo quando me convenço da razão do cliente. Posso não saber qual é, posso até não apanhar a verdade, mas ela existe.

#### O que é a verdade?

Em Direito é o que está dentro da lei. Pode não ser a verdade ética ou moral, pode até haver desvios e casos excepcionais, mas em princípio existe uma verdade: “Matou ou não matou? Fez ou não fez?” Claro que também posso estar a ser enganado pelo cliente, mas aí defendo-me.

#### Como?

Logo no primeiro encontro consigo avaliar bastante bem, julgo eu, os pontos fracos da história. O Mário Soares, por exemplo, pediu-me para defender o Melancia: “Tenho muito gosto em defendê-lo e vai-me contar a história com todos os pormenores. Demore o tempo que quiser. Mas se porventura houver na sua história alguma coisa que não corresponda à verdade, que se prove que não é correta, seja por falta de memória, por lapso ou pelo que for, deixo nesse minuto de ser seu advogado.” Nunca lhe encontrei uma falha.





# Agora tenho este problema da doença. Mas tenho este defeito ou esta virtude: não gosto de perder nem a feijões. Quero vencê-la. Por isso luto”

como isso. Neste sentido, engolir o discurso de culpabilidade que se entranhou neles e reconhecer que se calhar não existe culpado é muito difícil. E por isto, muitas vezes, defendem o indefensável.

## Como é que o Direito o transformou ou deformou?

Por um lado apurou-me um sentido de justiça grande, por outro talvez me tenha deformado no sentido de ser demasiado formal. Nas discussões com os meus amigos e a família faço muitas vezes o contraditório. Tento ter atenção a isso.

## Essa formalidade acabou por moldar a sua maneira de ser?

Não sei responder. No livro que me fizeram de homenagem lá no escritório, “Uma Vida de Causas”, a Maria João Avillez diz que eu tinha uma maneira de ser mais política e que agora vê-me como uma pessoa mais doce. Segundo ela, soube envelhecer.

## Suavizou?

Pegando no que ela diz, talvez... Já não sou tão guerreiro, perdi a paciência para andar em guerras e em discussões inúteis. Não entro em discussões em que não conheço bem o assunto.

## É modéstia?

Não. É orgulho. Não gosto de discutir o que não sei, porque não gosto de perder.

## Em que ano se casou?

Em 1961. Já é uma vida. A minha mulher fez 80 anos no outro dia, e eu vou fazer em abril. Tenho uma ligação muito forte aos meus filhos e à minha mulher. Sou acusado por algumas pessoas de os ter protegido demasiado. É capaz de ser verdade.

## Como foi a educação deles nos anos 70, nesses tempos da revolução?

### Como foi enquanto pai?

Andavam connosco para todo o lado. Era uma educação livre, nada autoritária. Pouco virada para a exigência nos estudos, e isso foi um erro. Deveria ter sido mais atento com eles. Mas nessa altura estava muito entretido com a política e com os amigos, que tinham imaginação muito fértil e um pouco louca — estou a lembrar-me do João Bénard da Costa e do Alberto Vaz da Silva —, e andávamos muito ocupados com a vida fervilhante.

**Nesse livro que referiu faz uma declaração do que é ser advogado e termina dizendo: “O tempo que aí vem aguardo-o com enorme serenidade e alguma expectativa: e agora, José?”, fazendo alusão ao poema de Carlos Drummond de**

## Andrade. Não é um poema demasiado lunar?

Era a minha homenagem ao Nuno Teotónio Pereira e ao Vítor Wengorovius. O poema chama-se ‘José’, e acho que, ao pôr a interrogação logo no título, perde essa ideia derrotista para ganhar outra perspetiva: “Foste um lutador, tudo está contra ti, e agora, José?” O poema é sobre eles. Representam essa luta. Eu não o mereço. Nunca fui igual a eles.

## Tem mágoa?

Não. Nunca fui masoquista, sou lúcido. Talvez tivesse feito a história do socialismo, mas nunca teria tido, por exemplo, a coragem que a Natália teve. Arriscou a vida por uma pessoa que não conhecia. Para mim, representa tudo o que há de bom na natureza humana.

## E se tivesse de escolher o ‘seu’ poema?

Escolhia o ‘Quási’, de Mário de Sá-Carneiro. Por ter pena de nunca ter conseguido chegar ao quase... “Um pouco mais de sol — eu era brasa. / Um pouco mais de azul — eu era além. / Para atingir, faltou-me um golpe d’asa...”

## E agora, José?

Agora tenho esta doença, não sei como vai ser. O futuro a Deus pertence, costuma dizer-se. A mim é que não pertence, certamente. Jugo que tenho aceitado calmamente a situação em que estou, nunca me queixo. Só me custa não fazer algumas das coisas que ainda queria fazer. Gostava muito de ir a Berlim, para ver a arquitetura da nova cidade, e de me despedir de Nova Iorque... Mas tenho este defeito ou esta virtude: não gosto de perder nem a feijões. Portanto, tento continuar a minha vida normal. Duas vezes por semana vou a Torres Vedras, a uma clínica especializada em fisioterapia de Parkinson. Dizem-me que sou o mais rebelde que já passou por lá. Estou sempre a fazer coisas que não querem que faça, mas luto terrivelmente contra a doença, porque quero vencê-la. E vencê-la é morrer antes de deixar de ter liberdade de pensamento e antes de deixar de estar bem de cabeça. E, se puder, ter também alguma liberdade corporal. Por isso, agarro-me à minha liberdade com todas as forças e, por vezes, corro riscos evitáveis só para me sentir livre. ●





E

A Revista do Expresso

EDIÇÃO 2366  
3/MARÇO/2018

# O milagre da multiplicação

ou como enriqueceu **Álvaro Sobrinho**

Perfil de um matemático que em poucos anos se tornou multimilionário Por Micael Pereira

+

**Óscares**

A bola de cristal de Jorge Leitão Ramos

**Amazon**

James Bloodworth esteve seis meses infiltrado

**Entrevista**

José Manuel Galvão Teles por Ana Soromenho e Nicolau Santos

